

RESENHA

Resenhador: Robinson Santos Pinheiro

Mestrando em Geografia da UFGD (MS)
E-mail: Robinson22pinheiro@yahoo.com.br

FUENTES, Carlos. **Geografia do Romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 191p.

O premiado escritor, ensaísta instigante e afamado intelectual Carlos Fuentes, nascido na Cidade do Panamá em 1928, desde cedo se tornou mexicano, tanto que foi embaixador do México na França, e exerceu também as atividades de docente e pesquisador junto as universidades de Harvard, Cambridge, Princeton e várias outras instituições de renome internacional, autor de textos clássicos da literatura latino-americana como “A Morte de Artemiro Cruz” (1962), “Terra Nostra” (1975), “Gringo Velho” (1985), “Cristóvão Nonato” (1987) e demais obras literárias que repercutiram muito além das fronteiras desse nosso vasto continente.

Paralelamente a estas séries de atividades e produções, ao longo dos últimos vinte anos, realizou inúmeras viagens e pesquisas que desembocaram no livro aqui resenhado, intitulado “Geografia do Romance”. Este foi articulado a partir de estudos, leituras e reflexões sobre autores e obras literárias que demarcaram tanto a sua formação quanto influenciaram os referenciais estéticos e políticos da literatura e da percepção do mundo como um todo.

Os autores focados nesse trabalho são: Jorge Luis Broges, Juan Gytusiki, Augusto Roa Bastos, Sergio Ramírez, Héctor Aguilar Camín, Milan Kundera, György Konrad, Julian Barnes, Artur Lundkvist, Ítalo Calvino e Salman Rushdie. Cada um desses autores tem um capítulo específico no livro de Fuentes. Além desses, mais dois capítulos completam o livro. O primeiro, que norteia o olhar do autor pelas várias obras em apreço, intitulado “O romance Morreu?”. Uma pergunta que tenta ser respondida fazendo uso da função literária expressa na diversidade de autores estudados. E o último capítulo, que tenta en-

cerrar o sentido lógico das respostas apresentadas por meio dos escritores analisados e que dá o título ao livro: “Geografia do Romance”.

Logicamente que, numa resenha como esta, não comporta apresentar, mesmo que sumariamente, o que Fuentes discorreu sobre o processo de produção literária de cada autor por ele focado. Contudo, a título de exemplificação, assim como de instigar o leitor a se debruçar sobre esta obra de análise profunda e de qualidade notável, já que o autor usou de seus dons literários para, no tratamento com cada escritor, estabelecer novas perspectivas de abordagens e, em paralelo a isso, apontar caminhos futuros de possíveis estudos e aprofundamentos, tanto analíticos – das obras em si –, quanto poéticos – das obras em relação ao mundo que nos toca. Diante disso, podemos apresentar alguns elementos comuns que envolvem os vários estudos presentes no referido texto.

O texto começa com uma pergunta desafiadora e definitiva para as perspectivas futuras, não só da argumentação por ele desenvolvida ao longo do livro, mas para o sentido da própria literatura no mundo de hoje. “O Romance Morreu?”. Só o pensar a possibilidade desse questionamento já aponta que algo não vai bem no mundo das artes pautadas na ordem da palavra escrita. Mas a mesma se justifica frente ao poder das miríades de imagens que cercam os cotidianos mais diversos e banais em todo canto do mundo.

O acesso à televisão, assim como as antenas de satélites, a integração global na rede de computadores, os celulares de última geração, a interação das várias mídias através dos contatos instantâneos às informações simplificadas e reduzidas a um jogo de texto curto e imagens fragmentadas. Esse comodismo comunicativo em tempo expresso gera um distanciamento cada vez maior em relação ao tempo lento necessário para ler uma palavra após a outra e elaborar imagens a partir do lido. Daí a possível morte do romance.

No entanto, para melhor compreender essa pergunta, Fuentes elabora uma outra, a qual indica um caminho mais plausível para uma possível resposta mais positiva perante o futuro do texto romanceado. “Que pode dizer o romance que não pode dizer de outra maneira?”.

O autor apresenta algumas opiniões contrastantes que ao longo do século XX se digladiaram quanto ao papel da literatura perante a sociedade, em especial do romance literário; posturas estas que ca-

minharam entre uma visão do romance como reprodução realista do mundo e outras como fantasia e fuga da realidade. Diante disso, pela necessidade da obra enquanto arte para o momento atual vivenciado pela humanidade, o autor afirma que: “O romance não mostra nem demonstra o mundo, senão que acrescenta algo ao mundo. Cria complementos verbais do mundo. E, conquanto sempre reflita o espírito do tempo, não é idêntico a ele” (2007, p. 19).

Para Fuentes, portanto, a questão da obra de arte literária não é fantasiar ou reproduzir a realidade, mas sim acrescentar novas perspectivas de leitura e meios de interpretar a mesma, como forma de justificar a importância do romance para a atualidade, frente ao massacre dos meios eletrônico-imagéticos da mídia globalizada.

O certo é que o processo de saturação de notícias talvez tenha atentado contra a voz do romance, mas talvez, também, tenha contribuído para dar uma nova voz ao romance. Abriu um novo capítulo da história do romance: também inaugurou uma nova geografia do romance, dissolvendo a fronteira artificial entre ‘realismo’ e ‘fantasia’ e situando os romancistas, para além das suas nacionalidades. (FUNTES, 2007, p. 19).

Diante dessa postura estética e política, o romance no mundo atual torna-se mais imprescindível do que nunca antes. Ou seja, a possibilidade de se instaurar na literatura do romance elementos que apontem novos olhares de entendimento do homem no mundo atual, a partir do lugar em que este se encontra, não fechando esse lugar nos limites das fronteiras regionais ou nacionais, que mais isolavam do que espacializavam o homem no mundo, é o caminho instigante para o futuro dessa expressão artística.

Ao se debruçar pelos vários autores que estuda, Fuentes vai apontando como o contexto do lugar em que esses escritores estavam ou viveram influenciava no ambiente ficcional por eles apresentados em suas obras, contudo, o caráter marcante da maioria destas era o de transcender as fronteiras impostas pelos Estados-Nações, ou seja, por meio da imaginação expressa em palavras, muitas das obras e autores analisados estabeleceram contatos entre idéias, valores e lugares outros, permitindo assim estabelecer sentidos alternativos para o futuro das relações humanas.

Podemos exemplificar essa situação a partir da análise que faz de Borges, o grande escritor Argentino. Borges é tomado como um escritor urbano, de caráter mais cosmopolita, portenho. O sentido cidadão penetra em sua obra e nos ambientes que a mesma apresenta, mas não para evocar o território portenho em si, nem a melancolia das vastas planícies pampeanas. A obra de Borges transcende esse simplismo do ambiente sobre o artista e aponta sentidos mais subversivos de tempo e espaço que hoje nos são necessários.

Em outras palavras: Borges torna explícito para nossa literatura que vivemos uma diversidade de tempos e espaços, reveladores de uma diversidade de culturas... a todo momento nos oferece os instrumentos para reorganizar, amplificar, e caminhar adiante em nossa percepção de um mundo mutante cujos centros de poder, sem cessar, se deslocam, decaem e se renovam. (FUENTES, 2007, p. 53).

Dessa feita, ao longo do texto, Fuentes vai apresentando os vários aspectos dessa Geografia do Romance, de forma que, para nós, geógrafos de formação, este instiga-nos a reavaliar o sentido de uma ideia de espacialidade limitada aos físicos da paisagem percebida no interior de uma determinada região, tomando a esta como expressão estável de um padrão espacial. A “Geografia do Romance” de Fuentes indica a subversão dessas noções tão rígidas e superficiais que o espaço acaba tomando quando fica restrito ao jogo de interesse das grandes forças econômicas e políticas no interior das fronteiras de cada Estado-Nação.

O autor apresenta um outro sentido de Geografia, aquele presente nos processos criativos e imaginativos dos povos e indivíduos, desfavorecidos pela lógica padronizadora da economia globalitária, elaborados como formas de resistência ou de mera sobrevivência cotidiana. Através dos escritores estudados, percebe-se como, a partir do lugar em que estes se encontram ou focam suas narrativas, instauram-se novos olhares e amplia-se o sentido de realidade espacial, com a diversidade de posturas e respostas sendo a tônica da busca de identidade de uma maioria social frente o contexto das minorias favorecidas que se dizem satisfeitas com o atual arranjo espacial dominante.

Encerramos assim com as palavras de Fuentes a respeito do papel do escritor e do romance nessa complexa geografia do mundo

atual, palavras que podem e devem repercutir no que deveria ser o papel do geógrafo na busca de uma geografia alternativa ao que hegemonicamente está se tentando impor ao conjunto das sociedades periféricas da atualidade.

Povoar os desertos que rodeiam os oásis da satisfação, dar vozes ao motim do silêncio, preencher as páginas em branco da história, lembrar-nos e lembrar nossos contemporâneos de que não vivemos no melhor dos mundos possíveis. O romance estendeu os limites do real, criando mais realidade com a imaginação. (FUENTES, 2007, p. 190).

Recebido em 25/10/2008.

Aprovado para publicação em 10/03/2009